

AS DEDICATÓRIAS MANUSCRITAS NA COLEÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE CICCILLO MATARAZZO: UM ESTUDO DE CASO BIBLIOTECA ACERVOS ESPECIAIS DA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

Resumo: Este trabalho tem por objetivo identificar, mapear e analisar as dedicatórias do tipo manuscritas, apostas nos exemplares de livros da biblioteca particular do industrial e mecenas ítalo-brasileiro Francisco Antônio Paulo Matarazzo Sobrinho (Ciccillo Matarazzo), coleção especial que faz parte da biblioteca Acervos Especiais da Universidade de Fortaleza. A pesquisa aborda os conceitos de cultura e bibliografia material, marcas de proveniência e coleções especiais; discorre sobre as dedicatórias na História do livro e as suas tipologias; busca mapear as redes de sociabilidade de Ciccillo Matarazzo através das dedicatórias manuscritas, identificadas na coleção bibliográfica do mecenas; utiliza a metodologia de análise bibliológica que permite relatar todas as informações acrescentadas ao livro. A partir das análises, foi possível constatar as relações de sociabilidade de Ciccillo para com escritores, artistas, críticos, e outras personalidades importantes na História da arte brasileira, onde se apresentaram diferentes tipos de conexões, tais como: vínculos afetivos, conflituosos, gratíficos e profissionais. Permitiu-se também, firmar a magnitude de Ciccillo no meio artístico do Brasil. Este artigo contribui para fomentar estudos sobre livros raros incipientes na literatura biblioteconômica no Brasil.

Palavras-chave: Marcas de Proveniência. Dedicatórias Manuscritas. Coleções Especiais. Ciccillo Matarazzo.

Ana Wanessa Barroso Bastos
Mestranda em Ciência da Informação
UNIFOR
orcid 0000-0002-0337-9795
anawanessabb@gmail.com
anawanessa@unifor.br

Jefferson Veras Nunes
Doutor em Ciência da Informação
UFC
orcid 0000-0003-4684-0489
jefferson.veras@ufc.br

Larissa Monte Filgueiras
Graduada em Psicologia
orcid: 0000-0002-0337-9795
larissafilgs@gmail.com
filgs@edu.unifor.br

Tainá Copini Brasileiro de Lima
Graduada em Arquitetura e
Urbanismo
UNIFOR
tainacopini@edu.unifor.br

THE DEDICATIONS MANUSCRIPTED IN THE BIBLIOGRAPHIC COLLECTION OF CICCILLO MATARAZZO: SPECIAL COLLECTIONS LIBRARY CASE STUDY AT THE UNIVERSITY OF FORTALEZA

Abstract: This work aims to identify, map and analyze the handwritten dedications, placed on copies of books, on the private library of the Italian-Brazilian industrial patron Francisco Antônio Paulo Matarazzo Sobrinho (Ciccillo Matarazzo), special collection that takes part of the Specials Collections Library from the University of Fortaleza. The research addresses the concepts of culture and material bibliography, marks of provenance and special collections; discusses the dedications in the book's history and its typologies; it seeks to map Ciccillo Matarazzo's sociability networks through handwritten dedications, identified in the patron's bibliographic collection; uses the bibliological analysis methodology that allows to report all the information provided from the book. From the analyzes, it was possible to understand Ciccillo's sociability relations with writers, artists, critics, and other important

personalities in the history of Brazilian art, where different types of connections, such as, affective, conflicting, gratifying and professional ties, were shown. It was also possible to establish Ciccillo's magnitude in the artistic world of Brazil. This article contributes to foster studies on rare incipient books in Brazilian librarian literature.

Keywords: Provenance Marks. Handwritten Dedications. Special Collections. Ciccillo Matarazzo.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho parte do interesse pelo livro como um objeto material, bem como pelas diferentes formas nas quais os livros foram manejados, adquiridos, lidos e usados; impulsionando o estudo sobre as marcas de proveniência em coleções especiais bibliográficas. A importância desse fértil campo se dá ao evidenciar o âmbito da cultura material, dos livros enquanto objetos e dos sujeitos, dentre os quais destacam-se intelectuais, personalidades públicas, colecionadores e outros. Ademais, tal estudo contribui para fomentar as investigações sobre livros raros incipientes na literatura biblioteconômica no Brasil.

Tendo por base as coleções especiais à luz da abordagem social da raridade sob a ótica das marcas apostas no livro impresso e, apoiando-se nas reflexões sobre objetos, coleções e memória, de Azevedo e Loureiro (2019) que abordam sobre as marcas de proveniência inseridas no livro (objeto) e suas relações, incluindo indivíduos e os aspectos simbólicos que permeiam o domínio da materialidade; este artigo reservou-se às dedicatórias manuscritas identificadas em parte da coleção de livros da biblioteca particular do industrial ítalo-brasileiro Ciccillo Matarazzo (1898-1977), buscando mapear sua rede de sociabilidade através de uma breve análise destas.

As dedicatórias manuscritas são marcas de proveniência capazes de representar um indivíduo nas suas práticas e relações sociais, conforme apontam os estudos de Stefanie Freire (2013) em sua dissertação intitulada “Dedicatórias manuscritas: relações de afeto e sociabilidade na Biblioteca Manuel Bandeira” que serviu de inspiração e de fundamentação teórica para conduzir essa inquirição, está tendo como recorte a coleção bibliográfica de Ciccillo Matarazzo e locus de pesquisa a Biblioteca Acervos Especiais da Universidade de Fortaleza, cuja custódia desta coleção especial pertence.

A metodologia utilizada foi a análise bibliológica, método ideal para conhecer e investigar bibliotecas particulares, segundo aponta (PINHEIRO, 2015, p. 35). Os procedimentos norteadores para a realização desta análise incluíram: identificar, mapear e

analisar as dedicatórias manuscritas nos livros da coleção de Ciccillo Matarazzo.

Assim, foram encontradas noventa e seis dedicatórias manuscritas, das quais setenta e duas foram endereçadas a Matarazzo ou a ele e à sua esposa, Yolanda Penteadó; sendo a maioria de dedicadores relevantes, principalmente no universo das artes, dentre autores, artistas, críticos, dramaturgos, mas também empresários, figuras políticas e outros, das quais serão destacadas duas dedicatórias de José Mauro de Vasconcelos, uma de Aldemir Martins, uma de Mário Barata e uma de Vinicius de Moraes, incluindo, relacionada à esta última, uma carta do autor dedicada a Ciccillo Matarazzo. Com estas, somadas ao conteúdo bibliográfico encontrado nos domínios das bases de dados, foi possível perscrutar alguns momentos importantes da vida do mecenas entre as décadas de 60 e 70, incluindo desavenças, bem como alguns de seus vínculos relacionais e sua importância no âmbito artístico enquanto organizador, idealizador e patrocinador de artistas que puderam crescer no meio devido ao desejo de apoiá-los e à sua paixão pela arte.

2 A DEDICATÓRIA MANUSCRITA NO LIVRO (OBJETO) DE COLEÇÕES ESPECIAIS: UM CAMINHO PARA MAPEAR REDES DE SOCIABILIDADES

Ao considerar o livro enquanto objeto, compreende-se primeiramente a necessidade de entender o conceito de objeto, palavra que deriva etimologicamente de *objectum*: “coisa existente fora de nós, coisa disposta adiante, com uma característica material: tudo o que se oferece à vista e afeta os sentidos” (LAROUSSE apud MOLES, 1972, p. 13). De acordo com Baudrillard (2006, p. 94):

Todo objeto tem duas funções: uma que é a de ser utilizado, e outra que é a de ser possuído. Essas duas funções acham-se em razão inversa uma da outra. [...] O objeto puro, privado de função ou abstraído de seu uso, toma um estatuto estritamente subjetivo: torna-se objeto de coleção. Cessa de ser tapete, mesa, bússola ou bibelô para se tornar “objeto”.

Para o entendimento dos objetos privados de função (ou objetos possuídos), como os livros, a serem abordados neste trabalho, passam a ter um estatuto simbólico, e assim como no caso dos objetos de coleções, deve-se inseri-los num contexto maior que é o da cultura material. Para Bucaille e Pesez (1989), a noção de cultura material:

Parte de quatro características, sendo duas ligadas ao termo cultura e as outras ao caráter material: como fenômeno cultural, a cultura material refere-se à coletividade e a uma repetitividade que a aproxima da noção de cotidiano; o aspecto material é relativo aos fenômenos infra-estruturais e à atenção aos objetos concretos (BUCAILLE; PESEZ, 1989, p. 25).

Esse estudo, portanto, estende a temática do objeto puro ao universo bibliográfico, trazendo a este campo o livro impresso. Nessa perspectiva, “o livro é visto como um artefato, no qual a sua materialidade é capaz de fornecer informações que vão além do seu conteúdo textual, e se ampara na área da História do Livro e ao que se conhece como bibliografia material” (AZEVEDO; LOUREIRO, 2019, p. 7). Por sua vez, na definição de Gaskell (1999 apud SILVA, 2018), a bibliografia material é o estudo dos livros enquanto objetos materiais, de forma que as marcas apostas nos livros trazem uma leitura deste como objeto, com características que transmitem algo para além da informação textual. E partindo dessas abordagens, concentrou-se na materialidade do livro raro como capaz de produzir significados e efeitos culturais.

No que diz respeito aos livros raros, estes são assim considerados quando possuem características que os diferenciam de livros modernos. Para Pinheiro (1989), “de maneira simplificada, pode-se dizer que livro raro é aquele difícil de encontrar por ser muito antigo, ou por tratar-se de um exemplar manuscrito, contudo os elementos qualificadores de raridade envolvidos são diversos”.

Dentre os critérios de raridade do livro, esta pesquisa teve como foco exemplares com dedicatórias do tipo manuscritas, uma vez que segundo as diretrizes do Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (PLANOR), são entendidos como um dos critérios para avaliar obras raras: “exemplares com anotações manuscritas de importância (incluindo dedicatórias)” (BIBLIOTECA NACIONAL, 2000). Além disso, estas caracterizam-se como marcas de proveniência e, apostas nos exemplares de livros, destacam-se e assumem relevância como instrumentos significativos na construção da identidade, personalidade e vínculos memoriais dos sujeitos.

Outrossim, é necessário considerar a proveniência para a Biblioteconomia de livros raros, que a define como “Propriedade de livros, incluindo as evidências deixadas pelos proprietários desses livros, e outras evidências contextuais, tais como quando e onde um livro esteve” (PEARSON, 1994 apud LEUNG, 2016, p. 10, trad. nossa).

Desse modo, as marcas de proveniência “revelam traços biográficos do exemplar com

a trajetória de seus donos, daqueles que o comercializou, etc., elementos que revelam o “quem possuiu”; “como chegou”; “por onde passou” (AZEVEDO; LOUREIRO, 2019, p. 17). Freire (2013) ratifica que as marcas de proveniência possuem o poder de refletir os interesses do proprietário original do livro e contribuir na construção do perfil de uma personalidade. Já Azevedo e Loureiro (2019) afirmam que as marcas de proveniência são consideradas indícios que podem colaborar para a construção de uma narrativa histórica de determinado exemplar.

Portanto, as marcas de proveniência apostas nos exemplares possibilitam enxergar o que os livros enquanto objetos nos falam, essas indagações fundamentam a abordagem social da raridade, ângulo desta pesquisa, e se reverberam no estudo intitulado “Afiml, os objetos falam? reflexões sobre objetos, coleções e memória”, de Azevedo e Loureiro (2019).

2.1 As dedicatórias na história do livro: uma relação de sociabilidade

Toda dedicatória, independente de quem a elaborou e/ou recebeu, têm um valor histórico único e insubstituível, pois é capaz de representar o contato e as trocas sociais realizadas entre o dedicador e o dedicatário (FREIRE, 2013, p.15).

Para análise das dedicatórias manuscritas, foi pensada a trajetória da dedicatória como reflexo da história e da evolução do livro. A origem da palavra dedicatória (em francês *dédicace*) etimologicamente remete ao divino e está ligada à consagração de uma igreja, ao que é sagrado (LE NOUVEAU PETIT ROBERT, 1993, p. 629). Para o historiador francês Roger Chartier, citando o *Dictionnaire Universél* de 1960, também pode ser oferecida a alguém para honrá-lo e enaltecê-lo (CHARTIER, 2000, p. 186).

Isto posto, o ato de oferecer um livro manuscrito ou impresso em homenagem, conceber uma dedicatória, institui-se em uma valorosa *práxis* simbólica. Esta prática pode ser um trajeto para mapear redes de sociabilidade, hábitos e relações de poder. Chartier, que se dedicou a estabelecer relações entre a história dos livros e suas práticas ao longo dos séculos, afirma:

O gesto que inicia estas relações de clientela, ou de patrocínio, é o da dedicatória, um verdadeiro rito. Ela pode ser, tratando-se de um impresso, a oferta de uma cópia manuscrita com bela caligrafia e ricamente ornamentada. [...] Na cena da dedicatória, a mão do autor transmite o livro à mão que o recebe, a do príncipe do poderoso, ou do ministro. [...] o autor oferece um livro contendo o texto que escreveu e, em troca, recebe as manifestações da benevolência traduzida em termos de proteção, emprego ou recompensa (CHARTIER, 1998, p. 39-40).

Dessa maneira, “a dedicatória ocupou espaço próprio destinado à prática do oferecimento, do contato e das trocas sociais carregadas de jogos simbólicos de manifestações de poder, riqueza e sabedoria” (FREIRE, 2013, p. 26). Pode-se dizer que ao longo da história do livro, a dedicatória se ressignifica e reverbera essa mudança na transição da sua forma impressa para a manuscrita.

A transição da imagem do autor oferecendo seu livro para o rei, para o texto impresso no início da obra e, finalmente, para a dedicatória manuscrita está associada à mudança de regimes políticos, à revolução industrial e ao chamado “capitalismo de imprensa”. A dedicatória deixou de ser um ato de submissão do súdito perante o rei para ser um ato de “submissão” ou demonstração de carinho e consideração de um cidadão perante um ente querido ou autoridade literária (FREIRE, 2013, p. 15).

Sendo assim, as dedicatórias presentes nos exemplares de livros são consideradas testemunhas de uma época e assumiram relevância nos estudos sobre o livro sempre que visto como objeto e sobre as sociedades. A dedicatória manuscrita se distingue por diferentes fatores, a exemplo: “por ser um escrito geralmente presente apenas na obra do dedicatário, o que confere ao exemplar uma identidade única. Enquanto a dedicatória impressa, de modo geral, apresenta um texto quase que protocolar” (FREIRE, 2013, p. 38). Outra diferença entre os dois tipos de dedicatórias, conforme os apontamentos de Freire (2013, p. 39): “É que a impressa pode ser feita em memória de alguém já falecido, enquanto que a manuscrita é feita diretamente para quem irá receber a obra. Além disso, a dedicatória manuscrita pode ser elaborada por alguém que não seja o autor da obra”.

No entanto, através da dedicatória manuscrita é possível constatar uma maior proximidade entre os interlocutores, fato que favorece o estudo da personalidade e da história tanto daquele que a elabora, quanto de quem a recebe. Sendo assim, Freire (2013, p. 35) definiu as dedicatórias:

Como um gesto baseado na teoria da reciprocidade, pois responde a uma necessidade social e cultural tanto daquele que homenageia como do homenageado. A dedicatória pode ser caracterizada, dessa forma, como uma relação de interdependência que tenta combinar amizade, admiração, respeito e interesses, pois através dela o autor pode constituir, reforçar ou forjar laços e relações de sociabilidade o que poderia representar um aumento de prestígio e, por conseguinte, de status pessoal, social e profissional para o dedicador.

Ademais, é nas bibliotecas particulares que se encontra mais comumente livros com marcas de proveniência de variados tipos, incluindo as dedicatórias manuscritas. Estas, “quando reunidas numa biblioteca particular, [...] podem ser analisadas como objetos de práticas simbólicas capazes de auxiliar, [...] [n]a construção de redes de sociabilidades e relações de poder.”, conforme discorre Freire (2013, p. 15). Destarte, neste trabalho voltou-se para o que foi a biblioteca particular do bibliófilo e mecenas Ciccillo Matarazzo, movida em sua origem e criação pelo prazer pelo livro objeto, considerando-o diante de sua materialidade; como habita no universo das coleções especiais, provenientes de acervos pessoais em bibliotecas particulares e, neste caso, sob a tutela da Biblioteca Acervos Especiais da Universidade de Fortaleza.

2.2 As Coleções Especiais

As grandes bibliotecas do mundo, bem como as maiores bibliotecas nacionais partiram, muito frequentemente, de uma coleção particular e cresceram em grande medida a partir da aquisição ou doação de outras coleções particulares (MORAES, 1975). Freire (2013) relata que no Brasil, a Biblioteca Nacional é exemplo disso, originária da vinda da família real portuguesa para o país, ocasião em que D. João VI trouxe consigo sua biblioteca pessoal, a “Real Bibliotheca”; posteriormente incorporou coleções significativas e de grande valor. Este foi um marco para o domínio das coleções especiais no Brasil.

Evidencia-se que “toda biblioteca conserva a lembrança das que a precederam” (JACOB, 2000, p. 17), e nesse contexto, cabe evocar Azevedo e Lino (2008, p. 226) quando descrevem o Inventário da Biblioteca Lélío Gama, uma fala que representa o cosmos deste trabalho:

Diante de uma biblioteca particular cujo dono morreu, temos a certeza de que os livros são mais fortes e soberanos que nós próprios, mais longevos de fato. O proprietário passa, e eles ficam – quase de maneira irônica, poderíamos dizer – como descendentes daquele que ao longo da vida gestou, alimentou e criou sua biblioteca. Vivo, o colecionador dominava, tinha o poder do acervo; com sua morte, vive em e por seus livros. Estes, então, assumem um papel de prolongamento da memória do ente que concebeu a biblioteca, pois permanece na coleção a essência dele. Ela irá ao longo dos anos perpetuá-lo. Nessa biblioteca restaram os livros com marcas de leitura, as dedicatórias, os papeluchos esquecidos entre as folhas que testemunham momentos vividos, leituras interrompidas e, ainda, os livros mais queridos, outros nem tanto, os esquecidos, os perdidos... Esta biblioteca, então, é um verdadeiro “genoma

intelectual” do possuidor. Perquirir os autores que a compõem, sua forma de arranjo, pode significar decifrar o “código genético” de quem a formou.

Por consequência, pode-se dizer que uma biblioteca é indissociável da história, da cultura e do pensamento de seu dono. Cada livro que compõe uma biblioteca particular é, em teoria, um objeto de interesse do colecionador, ainda que jamais o tenha lido e sua existência nesse espaço atribui-lhe reconhecimento como parte de um “genoma intelectual” (ZAID, 2004, p. 14).

No que se refere às coleções especiais, recorreu-se à definição apresentada pela *University of Glasgow* ([2012?], *on-line*) que discorre que essas coleções de livros podem ter sido adquiridas ou herdadas de indivíduos ou instituições. E define as como:

As coleções especiais são, frequentemente, bibliotecas ou arquivos pessoais de indivíduos e possuem, geralmente, o nome de seus proprietários originais. As coleções são mantidas juntas e também podem ser criadas artificialmente pelas instituições com a finalidade de criar recursos de pesquisa que sirvam para apoiar as necessidades de seus usuários e, em relação às universidades, o ensino e a aprendizagem. (UNIVERSITY OF GLASGOW, [2012?], tradução nossa)

Entre os diversos critérios para a formação de coleções especiais bibliográficas presentes na literatura da área, Souza (2017) seleciona como principais: as obras de origem estrangeira; obras difíceis de serem encontradas ou únicas, nas quais se incluem os exemplares com marcas de propriedade, anotações manuscritas e dedicatórias ou outras características que lhe atribuem unicidade. Portanto, perante o panorama descrito neste estudo, exprime-se a denominação dessa biblioteca como Acervos Especiais, por se tratarem de livros enquanto obras que chegaram à Unifor por fazerem parte de coleções especiais e por terem relação com as artes. Assim como a palavra “Acervos” é implicada por virem de Instituições e proprietários diferentes, outrossim além da importância dos livros, são especiais os locais de onde vieram e/ou seus proprietários originais. Pedro Corrêa do Lago (2017), bibliófilo, diz que:

Há muitas coisas que podem tornar o livro um objeto de admiração, diria que a admiração fica entre o fetichismo e a adoração, é um meio caminho que você realmente tem emoção ao ver um objeto que é um livro, mas também é uma obra de arte, que é também uma lembrança e um símbolo, testemunho de uma época. Tudo isso dá ao livro uma dimensão além do texto. Na Unifor há uma compreensão profunda desse outro aspecto do livro.

Partindo deste entendimento e para uma melhor compreensão da coleção especial de Ciccillo Matarazzo, buscou-se traçar a seguir um breve perfil biográfico desse ilustre industrial, a fim de identificar sua trajetória na vida como mecenas e sua representatividade no campo das artes no Brasil. Em seguida apresentou-se como a sua coleção bibliográfica foi para Unifor e deu início a biblioteca Acervos Especiais.

3 CICCILLO MATARAZZO: E COMO SUA BIBLIOTECA PARTICULAR DEU INÍCIO A BIBLIOTECA DE ACERVOS ESPECIAIS DA UNIFOR

Francisco Antônio Paulo Matarazzo Sobrinho, mais conhecido como Ciccillo Matarazzo, nasceu em 20 de fevereiro de 1898 e faleceu em abril de 1977 no terraço de seu apartamento na Av. Paulista, conforme seu desejo. Em vida, foi um industrial, mecenas, bibliófilo e político ítalo-brasileiro que além de dirigir grandes empresas, foi grande incentivador das artes. Filho de Andrea Matarazzo e sobrinho do conde italiano Francesco Matarazzo, teve sua formação intelectual na Europa, como era de costume na época. Viveu na Europa dos dez aos vinte anos, tempo no qual adquiriu hábitos europeus.

Ciccillo Matarazzo foi diretor de empresas em diversos ramos e sua família exerceu vultosa influência no desenvolvimento socioeconômico de São Paulo, criando um legado que repercute até hoje na história do Brasil. Contudo, ele não era contido apenas pelo âmbito industrial, duas outras paixões o consumiam: os livros e as artes. Foi assim que se tornou um dos protagonistas na história das artes no Brasil.

Insigne incentivador das artes plásticas, fundou algumas das principais instituições artísticas do país, em 1948, o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), sendo inaugurado no dia 8 de março de 1949; em 1951, a Bienal Internacional de Arte de São Paulo e em 1963, o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP). Foi também um dos fundadores do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) e dos estúdios da Companhia Cinematográfica Vera Cruz. Conforme Almeida, o mecenas dizia: “Eu sempre me interessei por arte. Não sei porquê. Nós somos uma família essencialmente de homens de negócios, mas eu sempre tive ligações com a arte. [...] gostava de pintura clássica, de tudo o que se parecesse o mais possível comigo. Depois comecei a ver a evolução da arte...” (ALMEIDA, 1976, p. 31).

Dono de uma valiosa biblioteca pessoal acomodada no complexo metalúrgico Matarazzo, Ciccillo lia de tudo, de maneira incansável. Esta biblioteca comportava obras de

muito do que se escrevia no país e no estrangeiro, principalmente de datas pretéritas, a respeito de pintura, escultura, música e arquitetura — encontrava-se de tudo em suas estantes. Dentre elas, mais de 10 mil volumes eram exclusivamente sobre arte, muitos de edições esgotadas há décadas e outros de preço unitário elevado (ALMEIDA, 1976, p. 32). Todavia, parte do seu acervo voltava-se para seu interesse direto pelas artes, separando obras literárias e outros gêneros que não se referissem à ela, que findava à doação para a Universidade de São Paulo (USP), o que foi feito posteriormente. Em 1962, parte de sua coleção particular de livros e revistas foi incorporada à biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da USP.

3.1 A coleção Matarazzo em Fortaleza, Ceará

Em 2013, parte de sua biblioteca particular foi doada por meio de testamento ao advogado Benedito José Soares de Mello Patti (1924-2013), amigo pessoal de Ciccillo e conselheiro vitalício da Bienal de São Paulo. Após sua morte, a mesma foi posta à venda por seus filhos, o que possibilitou que esta coleção fosse comprada pelo empresário e chanceler cearense Airton Queiroz e futuramente viesse a ocupar a biblioteca de Acervos Especiais da Fundação Edson Queiroz que reside na Unifor.

Essa coleção, que possui cerca de 2.949 volumes de grande valor comercial e cultural, dentre os quais predominam os livros de arte, contém álbuns originais de artistas dos três últimos séculos. Entre as obras estão livros de referência histórica, como a primeira edição, de 1750, de *Opere Varie di Architettura*, de Giovanni Batista Piranesi (1720-1778), um dos grandes artistas gravadores do século XVIII, obra que traz uma série completa de gravuras de cárceres em Roma; e também o álbum *Il Milione*, de 1942, dedicado ao italiano Massimo Campigli (1895-1971), com uma litogravura assinada por ele. Também faz parte da coleção a extravagante edição do livro *Miserere* que, com 58 gravuras de grandes dimensões, foi produzido por Georges Rouault em apenas 425 exemplares entre os anos de 1922 e 1927, tendo sido de Matarazzo a de nº 224; bem como a tradução francesa do clássico *Don Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, ilustrada pelo pintor surrealista Salvador Dalí (1904-1989).

Com a chegada dessa coleção histórica, associada desde seu processo embrionário à criação do Museu de Arte Moderna e da Bienal Internacional de Artes em São Paulo, nasceu a Biblioteca Acervos Especiais na Unifor.

3.2 A Biblioteca Acervos Especiais na Unifor

Inaugurada no dia 10 de abril de 2014, esta já recebeu um público aproximado de 8.500 visitantes. Conta com um acervo de cerca de 9 mil volumes, que além das áreas de Artes e Literatura, também comporta temas como História, Direito, Pareceres Jurídicos e Manuscritos, ilustrações originais de artistas nacionais e estrangeiros, obras raras datadas dos séculos XV ao XVIII, além de primeiras edições de clássicos da Literatura Brasileira com assinatura e dedicatórias de autores.

Partindo do acervo pessoal de Francisco Matarazzo Sobrinho, a biblioteca reúne livros de arte considerados raros, como a coleção completa da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, formada pelos 23 volumes realizados na época, clássicos da literatura do país com gravuras originais de grandes artistas brasileiros. Com os anos, adquiriu outras coleções como a do Arquivo da História do Ceará, organizada por Thomaz Pompeu Gomes de Matos, e a coleção Os Sertões de Euclides da Cunha, doada pelo bibliófilo cearense Pádua Lopes, que inclui a primeira edição do aclamado autor.

A Universidade de Fortaleza firma a biblioteca Acervos Especiais como um equipamento cultural que projeta o livro como objeto de arte e entende-se como um espaço diferenciado, com formas específicas de atender, receber e compreender seu público, apresentando o livro raro enquanto objeto de admiração, obra de arte e símbolo a testemunhar uma época.

4 METODOLOGIA

Na elaboração deste trabalho foi utilizado enquanto método a análise bibliológica, que busca conhecer e investigar o âmbito das bibliotecas particulares e pode ser considerada um recurso fundamental para a identificação de uma coleção como a trabalhada nesta pesquisa. Para Pinheiro (2015, p. 35), essa metodologia fundamenta-se com o exame item a item, página a página, a fim de descrever a materialidade de um livro, sendo, portanto, o que permitiu a descrição e análise das dedicatórias manuscritas do ponto de vista material.

O processo foi dividido em duas etapas e executado no decorrer dos meses de janeiro e abril de 2021. Primeiramente, buscou-se identificar as dedicatórias nos livros da coleção de Francisco Matarazzo Sobrinho, volume por volume, em prol de auscultar eventuais

dedicatórias. Dessa forma, os livros foram retirados das estantes, um a um, e a partir do manuseio (item a item, página a página), se encontrada uma dedicatória manuscrita, esta era fotografada, juntamente com a capa e a folha de rosto do livro em questão. Nesta execução totalizaram aproximadamente 315 fotografias que, a posteriori, foram utilizadas para compor uma base de dados. Assim foi possível inventariar os livros dedicados dentro da coleção e conseqüentemente arranjá-los nos seguintes nichos: livros com dedicatória de artista e/ou do autor da obra para Ciccillo Matarazzo; livros com dedicatória de intelectual e/ou figura política; de familiares para Ciccillo Matarazzo; e, por fim, livros com dedicatórias de terceiros para terceiros.

Foram feitas transcrições das dedicatórias encontradas, com ressalva das que devido à grafia ou idioma escrito, não foram possíveis identificar. Nesse processo foi utilizado o método delineado por Henry Stevens chamado fotobibliografia (ou descrição didascálica), que originalmente se volta à transcrição de folhas de rosto, mas permite fácil adequação de seus procedimentos para a análise de dedicatórias (PINHEIRO, 2007, p. 13) e deve ser utilizado da seguinte forma: “a) cópia, letra por letra, conforme maiúsculas e minúsculas, do texto impresso, evitando separações de sílabas que, quando ocorrem no original, devem ser desse modo reproduzidas” (PINHEIRO, 2007a, p. 14).

Portanto, a transcrição das dedicatórias foi apresentada da seguinte maneira:

Figura 1 - Dedicatória de Vinicius de Moraes para Ciccillo Matarazzo.



Fonte: Biblioteca de Acervos Especiais.

Fotobibliografia: - Para meu querido // Ciccillo, // que só neste caso fracassou // em sua visão, // com o abraço sempre // amigo do seu velho // Vinicius // S. Paulo, jan. 68

Ao fim desta primeira etapa, iniciou-se o segundo processo: analisar a relação de sociabilidade de Francisco Matarazzo a partir das dedicatórias elencadas e suas devidas transcrições. Foi nessa etapa que pretendeu-se auscultar informações sobre cada uma delas, em prol de compreender o universo de suas relações profissionais e afetivas. Um levantamento bibliográfico foi igualmente necessário para atingir os objetivos deste trabalho, abrangendo sua trajetória de vida e influência no despertar artístico do Brasil.

5 ANÁLISE DE DADOS

A trajetória de Ciccillo Matarazzo como mecenas e bibliófilo no campo das artes no Brasil foi sem dúvida um critério determinante para a construção de sua biblioteca particular,

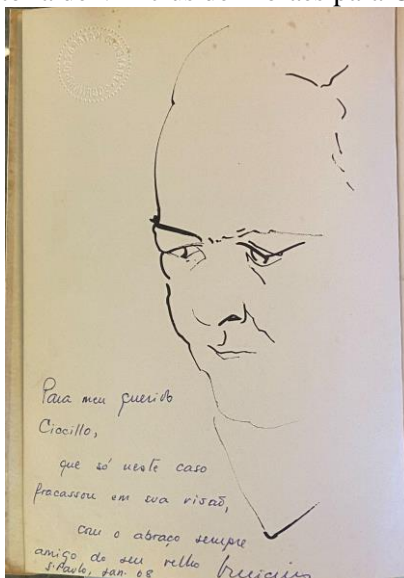
cuja a composição alocada na Biblioteca Acervos Especiais se dá entre catálogos, periódicos, e títulos sobre Artes, livros de arte e de artistas nacionais e estrangeiros, e Linguagens (arquitetura, fotografia, literatura, cinema, teatro e crítica). Outra característica desta coleção é a quantidade significativa de obras em italiano e francês, por conta das relações de Ciccillo, e também de sua esposa, Yolanda de Ataliba Nogueira Penteadó (1903-1983), com a arte europeia, em especial da França e Itália; relações que influenciaram os contatos realizados com artistas, críticos e empresários ligados ao MAM e às Bienais.

Foram identificadas 91 dedicatórias manuscritas distribuídas em 89 exemplares, sendo destas 67 dedicadas a Matarazzo (incluindo algumas endereçadas a ele e à esposa Yolanda) e as outras 24 dedicadas por terceiros a terceiros. Das que concernem aos Matarazzo, o maior número de dedicatórias manuscritas foi escrito no século XX, mais precisamente entre as décadas 40 e 70. São dedicatórias elaboradas por escritores, artistas, críticos e empresários ligados às artes, tanto nacionais quanto estrangeiros.

Dentre as personalidades internacionais, estão nomes como Azeredo Perdigão, o 1.º presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, bem como os artistas Luciano Minguzzi, Domenico Cantatore, Pericle Fazzini, Joan Ponç, Giuseppe Santomaso e outros. Por sua vez, dentre as personalidades brasileiras, destacam-se os artistas, escritores, figuras públicas e ensaístas, como é o caso de Anita Malfatti, Aldemir Martins, Mário de Oliveira, Gilberto Freyre, José Mauro de Vasconcelos, Mário Barata, Vinícius de Moraes e muitos outros.

Neste espaço serão trabalhadas as elaboradas por Vinicius de Moraes, José Mauro de Vasconcelos (Zé Mauro), Aldemir Martins e Mário Barata. A dedicatória de Vinicius para Ciccillo, identificada na folha de guarda da segunda edição do livro “Orfeu da Conceição”, de 1956, de Vinicius de Moraes, (Figura 1) foi digna de curiosidade e, em meio às pesquisas realizadas, uma correspondência escrita à mão entre Vinicius e Ciccillo foi encontrada no site do acervo da Bienal. Assim, a Biblioteca Acervos Especiais contactou o Arquivo Bienal, que enviou por e-mail a carta na íntegra (Figuras 1.2 e 1.3), uma vez que o site só apresentava uma folha (frente). A leitura da carta completa ajudou a compreender o contexto de tal dedicatória.

Figura 1 - Dedicatória de Vinicius de Moraes para Ciccillo Matarazzo.



Fonte: Biblioteca Acervos Especiais Unifor.

Fotobibliografia: Para meu querido // Ciccillo, // que só neste caso fracassou // em sua visão, // com o abraço sempre // amigo do seu velho // Vinicius // S. Paulo, jan. 68

O cenário da dedicatória (Figura 1) debruça-se nos estudos sobre Orfeu da Conceição, segunda peça teatral escrita por Vinicius de Moraes, que deu origem ao livro. Em 1954, conforme aponta Malka (2017, p. 32), Vinicius finaliza a peça de teatro que levou doze anos para escrever: Orfeu da Conceição. Essa peça foi encenada pela primeira vez no dia 25 de setembro de 1956, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. O musical ficou em cartaz durante apenas seis dias, devido à agenda do teatro, que já estava reservada para a apresentação da peça Hamlet, mas todas as sessões contaram com lotação máxima e com uma plateia bastante diversificada, dentre intelectuais, artistas, políticos e outros (MALKA, 2017, p. 35).

Depois do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Orfeu da Conceição teve uma temporada no Teatro da República, no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro.[...] A próxima parada seria o Teatro Municipal de São Paulo, para onde o cenário encaixotado foi despachado. O cenário nunca chegou lá: o caminhão teria desaparecido (CASTELLO, 1994, p. 194). [...] Com isso, as apresentações da peça foram só aquelas do Rio de Janeiro, e acabaram com um final trágico e até mesmo místico, já que o desaparecimento do caminhão não foi desvendado (MALKA, 2017, p. 35).

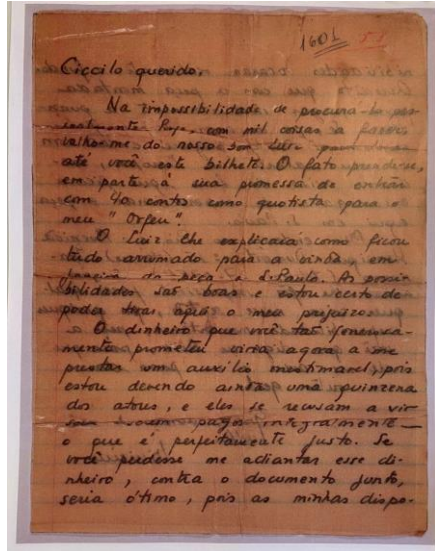
O escritor e jornalista Ruy Castro (2016), por sua vez, faz diversos apontamentos sobre a obra, em seu livro “Chega de Saudade: A História e as Histórias da Bossa Nova”, porém não fala uma só vez que a peça não foi encenada em São Paulo porque o caminhão com o cenário

teria desaparecido, e sim comenta que o Teatro Municipal de São Paulo estava com a agenda cheia, logo a peça não poderia ser encenada lá. Não havia outro teatro na cidade que comportaria a peça, por isso não fora mais encenada. (MALKA, 2017, p. 36). Para Malka (2017, p. 36), os apontamentos de Castro são bastante críticos e convincentes, pois:

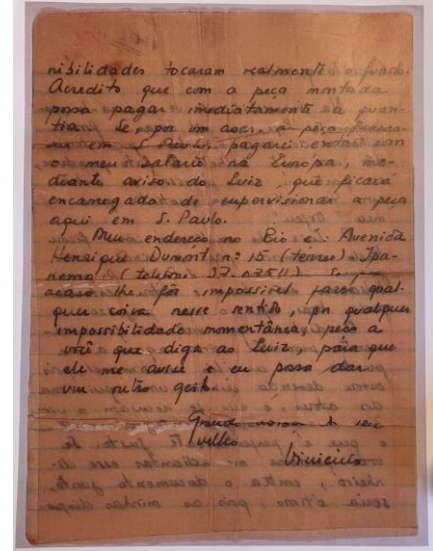
Vinicius era iniciante na produção de peças teatrais e passou por adversidades durante a preparação e realização de Orfeu da Conceição. Seu orçamento era curto (e pessoal) e ele teve dificuldades em reservar datas em teatros para a encenação da peça. Por ter sido uma grande produção e pouco encenada, Vinicius teve prejuízos financeiros com a peça. Logo, não conseguiu efetuar os pagamentos dos atores (em “Vinicius de Moraes pede para fazer o seguinte comunicado aos artistas”) e acabou entrando em desacordo com eles [...] (MALKA, 2017, p. 35, grifo nosso).

Os relatos encontrados na carta escrita à mão (Figuras 2 e 3) por Vinicius para Ciccillo, parecem se apresentar neste cenário e complementar o contexto da possível resposta do autor à uma negação do mecenas, na dedicatória (Figura 1): para meu querido Ciccillo que só neste caso fracassou em sua visão, Com o abraço sempre amigo do seu velho Vinicius no seu livro e tenha ofertado a Ciccillo, tendo em vista que a peça teatral fez sucesso e que em 1959, baseado na peça, foi lançado o filme Orfeu Negro, premiado com o Palma de Ouro, o Oscar e o Globo de Ouro. Segue abaixo as imagens (Figuras 2 e 3) e a transcrição da carta na íntegra:

Figura 2 - Carta de Vinícius de Moraes para Ciccillo Matarazzo [19-] (frente) 3: Figura 3 - Carta de Vinícius de Moraes para Ciccillo [19-] (verso)



Fonte: Arquivo Bienal



Fonte: Arquivo Bienal

Transcrição da carta na íntegra:

Ciccilo querido, Na impossibilidade de procurá-lo pessoalmente (palavra não identificada) com mil coisas a fazer, valho-me do nosso bom Luiz para levar até você este bilhete. O fato prende-se, em parte, à sua promessa de entrar com 40 contos como quotista para o meu “Orfeu”. O Luiz lhe explicará como ficou tudo arrumado para a vinda, em Janeiro, da peça a S. Paulo. As possibilidades são boas e estou certo de poder tirar aqui o meu prejuízo. O dinheiro que você tão generosamente prometeu viria agora a me prestar um auxílio inestimável, pois estou devendo ainda uma quinzena dos atores, e eles se recusam a vir sem serem pagos integralmente — o que é perfeitamente justo. Se você pudesse me adiantar esse dinheiro, contra o documento junto, seria ótimo, pois as minhas dispo- [frente] nibilidades tocaram realmente fundo. Acredito que com a peça montada possa pagarm imediatamente a quantia. Se, por um asar, a peça fracassar em S. Paulo pagarei então com o meu salário na Europa, mediante aviso do Luiz, que ficará encarregado de supervisionar a peça aqui em S. Paulo. Meu endereço no Rio é: Avenida Henrique Dumont nº 15 (térreo). Ipanema (telefone 27-03511). Se por acaso lhe for impossível fazer qualquer coisa nesse sentido, por qualquer impossibilidade momentânea, peço a você que diga ao Luiz, para que ele me avise e eu possa dar outro geito. Grande abraço do seu velho Vinicius [verso]

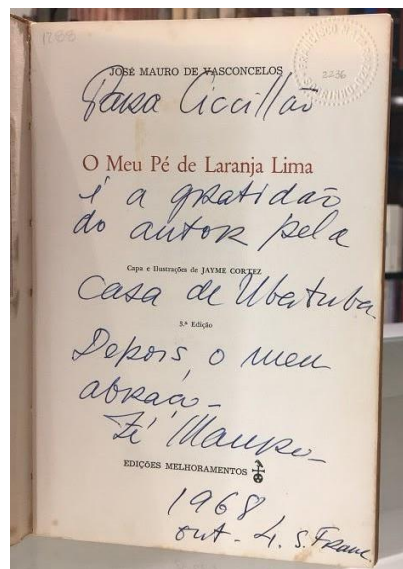
A dedicatória de Vinicius para Ciccillo condiz à relação de patrocínio do renomado

financiador das artes no Brasil com o poeta, dramaturgo e artista, que solicitou um financiamento ao mecenas e teve seu pedido negado, então de forma sutil retrucou pelo subsídio não alcançado ofertando-lhe o livro publicado de sua obra, que apesar desse obstáculo, obteve êxito.

Dentre outras dedicatórias que suscitaram interesse durante esse projeto, estão as dedicatórias do escritor José Mauro de Vasconcelos (1920-1984) para Francisco Matarazzo Sobrinho (Ciccillo Matarazzo), que instigam curiosidade devido à quantidade. Foram encontradas dez dedicatórias assinadas por Zé Mauro tanto em livros de sua autoria quanto em obras de outros autores presentes na coleção de Ciccillo. Ademais, chamou atenção para a relação amigável entre os dois, a forma como o dedicador refere-se ao dedicatário: Ciccilão.

Das dedicatórias encontradas em livros escritos por José Mauro de Vasconcelos, destaca-se a do livro “Meu Pé de Laranja Lima” (Figura 4), e dentre as de outras autorias, salienta-se a aposta na folha de guarda do livro “*Le Nu Féminin*”, de Jean-Louis Valdoyer (Figura 5). Essas trouxeram alguns elementos atrativos para a inquirição, como, no caso da primeira, a menção de uma casa em Uberaba e, na segunda, uma carta de baralho (7 de ouros), como exposto nas imagens abaixo.

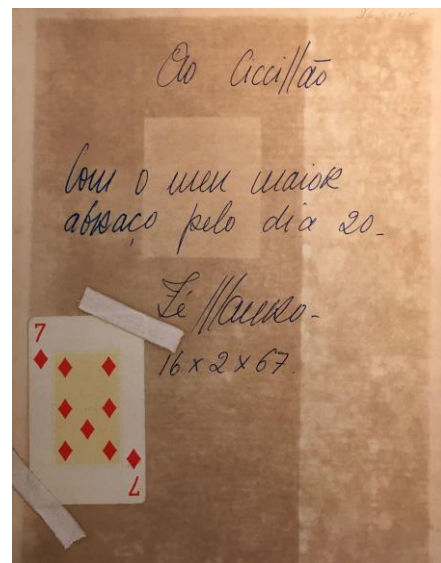
Figura 4 - Dedicatória de Zé Mauro para Ciccillo Matarazzo



Fonte: Biblioteca Acervos Especiais Unifor.

Fotobibliografia: Para Ciccillão // é a gratidão do autor pela // Casa de Ubatuba. // Depois, o meu // abraço - // Zé Mauro // 1968 // out - 4. S. Franc.

Figura 5 - Dedicatória de Zé Mauro para Ciccillo Matarazzo



Fonte: Biblioteca Acervos Especiais Unifor.

Fotobibliografia: Ao Ciccillão // com o meu maior //abraço pelo dia 20 - // Zé Mauro - // 16 x 2 x 67.

Na primeira dedicatória (Figura 4), o autor menciona uma casa e dedica, utilizando-se do título do livro impresso na folha de rosto, sua obra a Ciccillo. “Para Ciccillão, [O Meu Pé de Laranja Lima] é a gratidão do autor pela Casa de Ubatuba. Depois, o meu abraço, Zé Mauro”. Além da relação de amizade, essa inscrição revela o cenário no qual se encontravam, uma vez que entre 1964 e 1969, Matarazzo Sobrinho foi prefeito de Ubatuba e cedia uma casa na cidade para que Zé Mauro pudesse escrever. De acordo com Chieus (2020):

Quatro de seus livros foram escritos na casa do amigo Ciccillo, na Prainha, em Ubatuba, onde permanecia isolado, sempre atendido pelo exemplar Ireno, de quem se tornou amigo, vindo posteriormente outra pessoa admirável, Idalina Graça, que nos deixou estas impressões de José Mauro de Vasconcelos: Em maravilhosa manhã de domingo no primeiro ano da feliz gestão Matarazzo em nossa terra.

Já na segunda dedicatória (Figura 5), o autor oferece o livro pela data de aniversário de Ciccillo, com uma simbólica carta de baralho do tipo sete de ouros, anexada à sua página, que pode ser interpretada como relacionada à prosperidade e ao trabalho, à colheita dos frutos do esforço de alguém. Fala de um “resultado alcançado pelos esforços próprios” e da “subida”, o

processo de escalada numa jornada de labuta, sem o qual “não seria possível receber aquilo que vem ‘de cima’” (MEBES, 1993, p. 61), ou seja, sem esse esforço não seria possível atingir suas realizações.

Levando em conta as mensagens afetivas apresentadas, considera-se o que Leão e Farias (2018, p. 128) apontam a respeito do início da relação de amizade entre o autor e o mecenas:

José Mauro conta que de sua primeira viagem à selva, abrindo mato a peito, morando com índios e se aventurando no garimpo, nasceu *Barro Blanco*, livro-experiência que lhe “custou a perna direita quebrada em três lugares” [...] O novo livro denunciava a exploração dos trabalhadores nas salinas do Rio Grande do Norte por grandes empresas instaladas na região, como a Matarazzo. De São Paulo, exatamente Ciccillo Matarazzo sentiu-se especialmente tocado pela leitura e procurou conhecer o jovem autor José Mauro de Vasconcelos. Firmaram uma longa amizade. O criador da Bienal Internacional do Livro [...] pagou quase todas as cirurgias da perna de José Mauro, além de presenteá-lo com máquinas de escrever: “Ganhei catorze máquinas de escrever dele. Quando eu acabava de escrever um livro e não tinha dinheiro para comer, vendia a máquina, e o Ciccillo me dava outra” (DANTAS, 1979) Anos após, o amigo mecenas o provocaria: “– Deixa de ser besta. Você é mais rico do que eu”.

Por conseguinte, fica explícita a riqueza da análise de tais dedicatórias e a importância do estudo e pesquisa sobre elas, que não só dizem da admirável relação entre o autor e o mecenas, advinda de uma crítica construtiva muito bem recebida, como do contexto de uma época e dos percalços que Ciccillo ajudou seu amigo Zé Mauro a superar para lançar, dentre outros, seu livro de maior reconhecimento até hoje.

Também inovou, fugindo do padrão de dedicatórias feitas exclusivamente de forma textual, o autor Aldemir Martins, que em seu álbum “Dez Desenhos Aldemir Martins”, de 1970, incluiu, junto à dedicatória para Matarazzo, um desenho autêntico da Basílica de Santa Maria della Salute. Aldemir, que nasceu em 1922 — coincidentemente, o ano da I Semana de Arte Moderna — foi um artista cearense reconhecido internacionalmente por suas pinturas vibrantes e carregadas de traços que contam de sua ancestralidade. Já reconhecido nacionalmente, teve sua carreira alavancada ao mudar-se para São Paulo. “Lá, participou de inúmeras exposições coletivas. Com a obra intitulada “O Cangaceiro”, recebeu, em 1951, o Prêmio de Desenho, na Bienal de São Paulo” (FIGUEIREDO, 2018, p. 28).

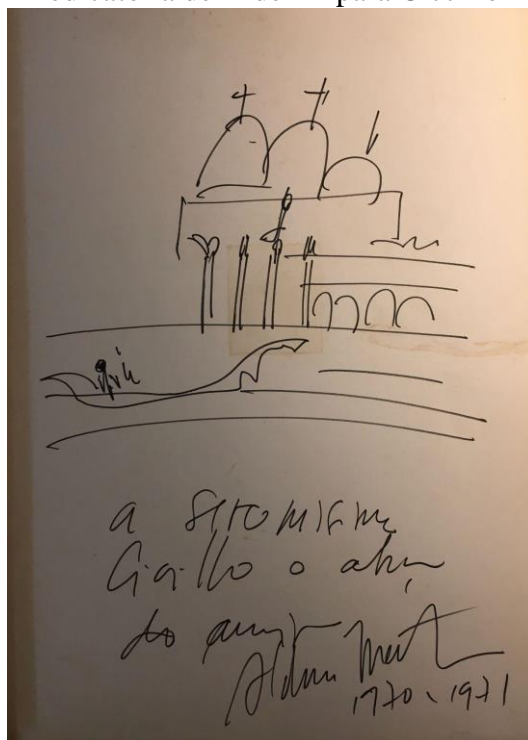
Através de Ciccillo, o MAM-SP foi o responsável pela representação brasileira na Bienal de Veneza durante muitos anos, sendo posteriormente substituído nessa função pela

Fundação Bienal de São Paulo, criada no início dos anos 1960, e pelo Ministério das Relações Exteriores. Ainda na edição de 1956 da XXVII Bienal de Veneza, na Itália, o artista cearense ganhou o Prêmio “Presidente Del Consiglio dei Ministri”, na categoria de Melhor Desenhista Internacional.

[...] um dos prêmios regulamentares da mostra ser conferido ao cearense Aldemir Martins, primeiro brasileiro a vencer esta categoria de premiação, levando o Prêmio Presidência do Conselho dos Ministros para um desenhista estrangeiro, o prêmio internacional para a categoria “desenho” concedido pela Biennale. Esta premiação, além de ser um marco para a representação brasileira em Veneza, certamente, foi um dos ápices na carreira do artista que passou a expor em várias cidades do mundo (ANDRADE, 2019, p. 103).

A Basílica de Santa Maria della Salute ilustrada abaixo pode ser compreendida não apenas como lembrança da relação entre Aldemir e Ciccillo, mas representação simbólica da participação deste último no que condiz ao reconhecimento que o artista obteve após a premiação internacional, que ocorreu em Veneza, onde encontra-se a basílica.

Figura 6 - Dedicatória de Aldemir para Ciccillo Matarazzo.



Fonte: Biblioteca Acervos Especiais Unifor.

Fotobibliografia: A [palavra não identificada] // Ciccillo o abraço // do amigo // Aldemir Martins // 1970 - 1971

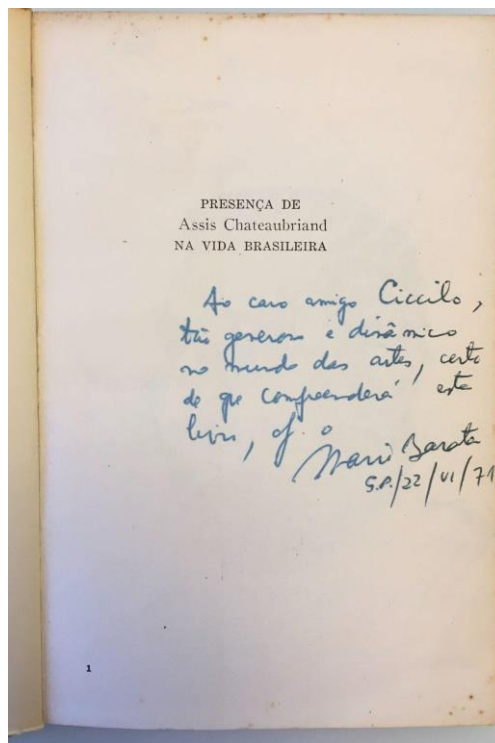
O livro “Presença de Assis Chateaubriand na vida brasileira”, de Mário Barata (1921-2007) conta a importância das contribuições de Assis Chateaubriand (1892-1968) no desenvolvimento do Brasil e como sua figura teve um papel significativo nas artes e na publicidade nas décadas de 40 a 60. Chateaubriand era conhecido por ter desavenças com certas personalidades que exerciam algum tipo de influência nos âmbitos empresarial e artístico de São Paulo, uma delas era, nada menos, que Ciccillo Matarazzo.

Com seu jeito particular de conseguir espaço nas mídias, Chateaubriand possuía muitos desafetos. Um deles era o industrial Francisco Matarazzo que ameaçou: “resolver a questão à moda napolitana: pé no peito e navalha na garganta”. Chateaubriand devolveu: “Responderei com métodos paraibanos, usando a peixeira para cortar mais embaixo” (MEDEIROS, 2009).

Entretanto, a relação dos dois não foi sempre negativa. Almeida (1976) afirma que Chateaubriand, ao fazer suas críticas jornalísticas contra a família Matarazzo, poupou o mecenas, afirmando que o mesmo não era um “Matarazzo” e sim “Ciccillo”. Não obstante, as divergentes opiniões de ambos começam a vir à tona, sobretudo com a “corrida” dos museus, em que o Museu de Arte de São Paulo (MASP) e o Museu de Arte Moderna (MAM) foram inaugurados em datas aproximadas, um em 1947 e o outro em 1948, respectivamente. (BARBOSA, 2015). Uma fala de Ciccillo esclarece em parte o porquê dessa disputa entre os dois:

“Eu era muito amigo dele. Uma vez, convidou-me para almoçar na sede do velho Automóvel Clube, um clube muito fechado, na época. Perguntou porque não nos juntávamos, para realizar ali mesmo uma grande manifestação de arte, como eu pretendia fazer na Bienal. Respondi-lhe que não. O que ele queria fazer para um grupo de iniciados e privilegiados, eu desejava fazer para o povo, para o homem de rua...” (ALMEIDA, 1976, p. 37).

Figura 7 - Dedicatória de Mario Barata para Ciccillo Matarazzo.



Fonte: Biblioteca Acervos Especiais Unifor.

Fotobibliografia: Ao caro amigo Ciccillo, // tão generoso e dinâmico // no mundo das artes, certo // de que compreenderá este // livro, of. o // Mário Barata // S.P./22/01/71

Desse modo, Ciccillo, que não foi citado sequer uma vez no livro de Mário Barata, nem mesmo no capítulo referente aos museus de arte, recebeu esta dedicatória do autor e, levando em conta as supracitadas informações, percebe-se uma possível ironia com que este ofereceu-lhe o exemplar: “ao caro amigo Ciccillo, tão generoso e dinâmico no mundo das artes, certo de que compreenderá este livro, o ofereço. Mário Barata”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito da pesquisa a respeito das dedicatórias o que se observa é sua capacidade de desvelar não só características pessoais de quem a dedica quanto de quem a recebe, mas também relações sociais e um contexto social e histórico; de modo que entende-se o seu valor e o que atribui ao livro enquanto aspecto singular. Além disso, nas coleções especiais o livro (objeto), pela sua materialidade, é capaz de produzir significados e efeitos socioculturais entrelaçados

pelos campos da arte, da história, da memória e do patrimônio.

Dessarte, a partir desse estudo, é possível analisar as redes de sociabilidade e compreender, no caso deste trabalho, alguns dos laços sociais e das relações de afeto, gratidão ou possíveis conflitos interpessoais, presentes na história dos sujeitos estudados. Por conseguinte, ressalta-se a importância da preservação de patrimônios histórico-pessoais — como o acervo de Ciccillo Matarazzo usufruído nesta pesquisa — pois, a presença de dados tais quais: uma palavra chave, um objeto, ou uma ilustração; feitas pelo dedicador, podem contar ou fomentar histórias antes não descobertas ou esquecidas pelo tempo, devido ao fato de que não se dispunha o acesso à tais informações, que são esclarecidas por efeito de pesquisas criteriosas, as quais se mostram imprescindíveis para o maior conhecimento, tanto das dedicatórias, quanto dos autores, artistas, e outras figuras de suma relevância no período em que se encontram tais obras estudadas.

Assim, ciente da carência de investigações dessa natureza, este artigo prospecta incentivar outros levantamentos dessa espécie, por exemplo: acervos das bibliotecas de coleções especiais e marcas de proveniência, como, as dedicatórias manuscritas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernando Azevedo de. *O Franciscano Ciccillo*. São Paulo: Pioneira, 1976.

ANDRADE, Edmárcia Alves de. *A Representação brasileira na bienal de arte de Veneza: Da primeira participação em 1950 ao destaque para a edição de 1964*. 2019. Tese (Doutorado em Artes) - Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10295>. Acesso em: 28 de abril de 2021.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de; LINO, Lucia Alves da Silva. O Inventário da Biblioteca Lélío Gama: recuperação da memória e relevância para estudos afins. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v.128, p.219-230, 2008. Volume publicado em 2010. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_2008_00128.pdf. Acesso em: 20 jan. 2021.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Afinal, os objetos falam? reflexões sobre objetos, coleções e memória. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20.*, 2019, Florianópolis. *Anais eletrônicos ...* Florianópolis, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123799>. Acesso em: 27 fev. 2021.

BARBOSA, Marina Martin. *MASP e MAM: percursos e movimentos culturais de uma época (1947-1969)*. 2015. 281 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Università Ca' Foscari Venezia, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281319>. Acesso em: 26 abr. 2021.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Divisão de Obras Raras. Planor. *Crêterios de raridade [e] Catálogo Coletivo do Patrimônio Bibliográfico Nacional - CPBN: séculos XV e XVI*. Rio de Janeiro: FBN, [2000]. Disponível em: <http://planorweb.bn.br/documentos.html>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BUCAILLE, Richard; PESEZ, Jean-Marie. Cultura material. *Homodomação / cultura material domesticação/ cultura material*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1982. p. 11-47. (Enciclopédia Einaudi, 16.)

CASTRO, Ruy. *Chega de Saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CHARTIER, Roger. *A aventura do Livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1998.

CHARTIER, Roger. O príncipe, a biblioteca e a dedicatória. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Orgs). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2000. p. 182-199.

CHIEUS, Arnaldo. *José Mauro de Vasconcelos*. Ubatuba: Instituto Salerno-Chieus, Núcleo de Documentação Luiz Ernesto Kawall, set.2020. Disponível em: <http://doclek.blogspot.com/2020/09/jose-mauro-de-vasconcelos-jose-mauro-de.html>. Acesso em: 20 abr.2021.

DANTAS, Audálio. “José Mauro: 18 livros e muitos amores”. *Revista Realidade*, Abril. out. 1979.

FIGUEIREDO, Vando. Aldemir Martins: brasilidade à flor da pele. *Revista Arte*. Fortaleza, julho, 2018. ISSN 2525387-5. Disponível em: <https://www.baladain.com.br/revistas/Revista-ARTE-edi%C3%A7%C3%A3o3-Aldemir-Martins.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021

FREIRE, Stefanie Cavalcanti. *As dedicatórias manuscritas: relações de poder, afeto e sociabilidade na biblioteca de Manuel Bandeira*. Dissertação. 2013. (Mestrado em História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/posgraduacao/ppgh/dissertacao_stefanie-freire. Acesso em: 02 jan. 2021.

JACOB, Christian (org.). *O Poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2000. p. 182-199.

LAGO, Pedro Corrêa. *Conheça a Biblioteca Acervos Especiais da Unifor*, 2017. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal Unifor - Universidade de Fortaleza. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DPjyGD9EJg0&ab_channel=Unifor-UniversidadeFortaleza. Acesso em: 25 fev. 2021.

LEÃO, Andrea Borges.; FARIAS, Edson. Literatura e audiovisual em José Mauro de Vasconcelos. *Tempo Social*, v. 32, n. 2, p. 123-148, 2018. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2020.168354. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/168354>. Acesso em: 28 abr. 2021.

LE NOUVEAU PETIT ROBERT: *Dictionnaire Alphabétique et Analogique de la Langue Française*. Paris: Dictionnaires le Robert, 1993.

LEUNG, Colette. *The Journey of books: rare books and manuscripts provenance metadata in a digital age*. 2016. Dissertação (Master of Arts in Humanities Computing and Master of Library and Information Studies) - University of Alberta, School of Library and Information Studies, Edmonton, Canadá, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/L6sHd8>. Acesso em: 06 jan. 2021.

MALKA, Marina Bonatto. *Vinicius e Orfeu: um estudo sobre Orfeu da conceição e Orphée noir*. Dissertação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, 164f. 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/185950>. Acesso em: 24 abr. 2020.

MARIO, Barata. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa225/mario-barat>. Acesso em: 23 de abr. 2021. Acesso: 21 abr.2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

MEBES, G. O. *Os Arcanos menores do Tarô*. São Paulo: Ed. Pensamento, 1993.

MEDEIROS, Saulo Henrique L. de. Personalidades Culturais IV: Assis Chateaubriand. *Cultura*. Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2009. Disponível em: <http://www.dsc.ufcg.edu.br/~pet/jornal/fevereiro2009/materias/cultura.html>. Acesso em: 23 abr. 2021.

MOLES, Abraham. Objeto e comunicação. In: MOLES, Abraham et al (org.). *Semiologia dos objetos*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1972. p. 9-41.

MORAES, Rubens Borba de. *O Bibliófilo aprendiz*. São Paulo: Ed. Nacional, 1975.

PINHEIRO, Ana Virgínia Teixeira da Paz. História, memória e patrimônio: convergências para o futuro dos acervos especiais. In: VIEIRA, Brunno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (Org.). *Acervos especiais: memórias e diálogos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 33-44. (Coleção Memória da FCL, n. 3).

PINHEIRO, Ana Virgínia Teixeira da Paz. Metodologia para inventário de acervo antigo. In:

Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v,123, 2003, p. 09-32. Disponível em:http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_2003_00123.pdf. Acesso em: 20 mar. 2021

PINHEIRO, Ana Virgínia Teixeira da Paz. *Que é livro raro? Uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica*. Rio de Janeiro: Presença edições; Brasília: INL, 1989.

SILVA, Roge Cavalcante. *Para além do conteúdo: a análise material do Orbis sensualium pictus na Gallica*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2018. Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, Tufano. Assis Chateaubriand. *Que fim levou? Terceiro Tempo*. Disponível em: <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/assis-chateaubriand-5125>. Acesso em: 23 abr. 2021.

SOUZA, Ingrid Lopes de. *Patrimônio bibliográfico de C&T em universidades: proposta para formação das coleções especiais da Biblioteca Paulo Geyer*. 2017. 116 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Programa de Pós-Graduação em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2017.

UNIVERSIDADE DE GLASGOW. *What are Special Collections*. Glasgow, UK: University of Glasgow, Special Collections, [2012?]. Disponível em: <http://www.gla.ac.uk/services/specialcollections/whatarespecialcollections/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

ZAID, Gabriel. *Livros demais!:* sobre ler, escrever e publicar. São Paulo: Summus, 2004.